

NA ÚLTIMA CAMPANHA DE ALGODÃO 29.1.1989.

APENAS METADE DO PLANIFICADO

★ Falta de chuvas e guerra, as causas do insucesso

● Em entrevista ao "Domingo", Castigo Chivite, Secretário de Estado do Algodão, prevê bons resultados para a campanha 88/89



A campanha de cultura de algodão referente à época passada, não produziu para além de metade do que havia sido estipulado pelas autoridades que superintendem o sector algodoeiro no País. Apenas foram colhidas 19 mil toneladas (em números redondos) daquele produto básico para o funcionamento da indústria têxtil, índice que fica aquém da meta estabelecida: 36 902 toneladas. Todos estes dados surgem à ribalta na sequência de uma entrevista concedida ao nosso Jornal pelo Secretário de Estado do Algodão, Castigo João Chivite, que prevê, entretanto, resultados positivos para a próxima campanha.

A meta foi cumprida em apenas 52 por cento, havendo um decréscimo a registar na ordem de 10 mil toneladas em relação à campanha anterior, que atingiu as 28 300 toneladas. De referir que essa campanha havia sido planificada em 25 mil toneladas.

Na entrevista que nos concedeu, o Secretário de Estado do Algodão referiu-se, porém, com bastante optimismo em relação à próxima campanha, afirmando estar à espe-

ra que todos os factores intervenientes na cultura do algodão contribuam para uma boa colheita.

O factor climático, por exemplo, foi um dos que contribuiu grandemente para o incumprimento do plano. Nas duas principais províncias produtoras de algodão, nomeadamente Cabo Delgado e Namíbia, a época das sementeiras não foi acompanhada de uma regular queda de chuvas que se esperava no período denominado de «época

e que compreende os meses de Novembro e Dezembro.

Porém, na segunda quinzena de Dezembro, quando se registou uma ligeira queda pluviométrica, em algumas regiões do País foi lançada a semente, mas a germinação não correspondeu às previsões porque as chuvas revelaram-se insuficientes.

— Isso levou a que parte da população abandonasse a cultura de algodão — lamenta Castigo João Chivite que acrescentou: «essas populações optaram por semear culturas alimentares de segunda época, facto que cria situações irregulares de cultura devido à concorrência que se traduz em o algodão ter que suportar as ervas daninhas».

Outro factor importante que contribuiu para que o plano de produção de algodão não fosse cumprido, foi a acção desestabilizadora dos bandos armados, que originou a movimentação sistemática das populações. Em parte, de acordo com o Secretário de Estado do Al-

godão, isso explica o facto de uma boa parte das áreas preparadas pelos produtores terem sido abandonadas.

O aprovisionamento irregular dos factores de produção, nomeadamente a sua chegada tardia ao sector produtivo, constitui igualmente, uma das causas que prejudicou esta cultura.

— O nosso aprovisionamento ao sector produtivo depende, basicamente, de colunas militares para o posicionamento de uma série de factores de produção. E quando se trabalha com colunas é muito difícil planificar — reconheceu o Secretário de Estado do Algodão.

Aquele responsável esclareceu que casos houve em que a chegada tardia dos factores de produção estivesse por detrás da quebra de rentabilidade.

De acordo com dados estatísticos revelados pelo responsável da Secretaria de Estado do Algodão, Castigo João Chivite, as 19 548 toneladas de algodão carvão proporcionaram cerca de seis mil toneladas de algodão fibra.

— Grande parte desta fibra foi entregue à indústria nacional, disse Castigo João Chivite acrescendo que por isso mesmo foi posta de lado qualquer hipótese de exportação, senão de uma pequena parte para atenuar alguns compromissos.

MAIOR PRODUÇÃO NO SECTOR FAMILIAR

De entre os vários intervenientes da campanha algodoeira, o sector familiar continua sendo o maior produtor, de acordo com a opinião que foi expressa pelo Secretário de Estado do Algodão.

— O ponto é que, de facto, nós estamos a concentrar a maior parte dos nossos esforços no sector familiar, daí que na preparação das campanhas, estamos empenhados não só no aperfeiçoamento e distribuição de meios para os enquadadores, mas também na disponibilização de bens de consumo para o sector camponês. Tudo isto faz com que o impacto e acesso à produção do algodão, neste sector, sejam grandes.

Por outro lado, devido à situação militar que o nosso País atravessa, grande parte das empresas estatais reduziu as suas áreas de cultivo, pois algumas das suas unidades de produção apresentam condições de trabalho extremamente difíceis.

O sector empresarial, por possuir meios de trabalho como tractores, camiões, alfaias, etc, tem sido alvo principal dos bandos armados.

Esta situação leva a que as empresas funcionem abaixo da sua real capacidade, enquanto que o sector camponês, muito embora passe por uma série de provações, dada a situação em que vive, ainda se aguenta devido às suas próprias características.

Não se pode dizer que o aprovisionamento da campanha 87/88 tenha sido fraco. A causa fundamental foi a chegada tardia de determinados produtos de incentivo ao local da execução, porque o seu transporte está condicionado a colunas. Por outro lado, alguns factores de produção de Maputo para as províncias está dependente do transporte marítimo e este nem sempre está disponível quando nos convém.

— Mas tudo está condicionado a uma série de outras acções a ser realizadas, não só pelo sector de aprovisionamento, mas também pelas indústrias fornecedoras. Há vezes em que acontece que mesmo depois de os factores de produção desembarcarem nas capitais de pro-



víncias, se depara o problema da sua colocação no terreno. Como exemplo, o Secretário de

Estado do Algodão citou o caso dos pesticidas, que devem estar no local da aplicação à data da sementeira, facto que nem sempre acontece. Em termos de economia a cultura é sempre prejudicial, pois são muitas toneladas a colher.

Outro exemplo flagrante é o das pilhas, uma vez que o sector algodoeiro está a utilizar aparelhos de tratamento accionados por aqueles acumuladores e, por conseguinte, o atraso da sua chegada é suficiente para estragar todo um esquema de planificação, acarretando enormes prejuízos.



O ano transacto foi anormal — Castigo João Chivite, Secretário de Estado do Algodão

Estado do Algodão citou o caso dos pesticidas, que devem estar no local da aplicação à data da sementeira, facto que nem sempre acontece. Em termos de economia a cultura é sempre prejudicial, pois são muitas toneladas a colher.

Outro exemplo flagrante é o das pilhas, uma vez que o sector algodoeiro está a utilizar aparelhos de tratamento accionados por aqueles acumuladores e, por conseguinte, o atraso da sua chegada é suficiente para estragar todo um esquema de planificação, acarretando enormes prejuízos.

SITUAÇÃO PROVÍNCIA POR PROVÍNCIA

A província de Cabo Delgado, uma das principais produtoras de algodão, registou somente 45 por cento do plano estabelecido. Apenas produziu 3 614 toneladas das 7 950 planificadas.

Nampula, outra província grande produtora de algodão, cumpriu apenas em 47 por cento, ou seja, colheu 9 633 toneladas contra as cerca de 20 mil estabelecidas pelo plano.

A província de Niassa, que tinha um plano de apenas 100 toneladas, quase logrou triplicar o planificado com uma produção de 270 toneladas.

Na Zambézia, contra um índice planificado de 600 toneladas, a colheita rendeu 254 toneladas, enquanto que a província de Manica produziu somente 69 toneladas.

Por seu turno, a província de Sofala apenas realizou um pouco mais de duas mil toneladas contra um plano de 3 360 planificados.

Uma referência facultada pelo Secretário de Estado do Algodão dá conta de que, à semelhança com o que acontece com a província de Gaza, a LOMACO é que se encontra por detrás de todo um movimento impulsionador da cultura de algodão em Sofala.

REACTIVAÇÃO DA CULTURA

Em algumas províncias a prática da cultura do algodão foi reactivada durante esta campanha, mas apesar das dificuldades encontradas no relançamento da cultura, a situação é descrita como promissora. — Gaza é uma das províncias em

que a cultura foi reactivada e que pensamos estar a caminhar num ritmo favorável — explicou Castigo João Chivite.

O Secretário de Estado do Algodão recordou que em Gaza a cultura de algodão deixou praticamente de ser feita no período 1972/1973, tendo sido reintroduzida na última campanha, particularmente nos sectores empresarial, familiar e também ao nível do pequeno agricultor.

— Também é verdade que as populações já há muito que não a praticavam e, por isso, nos primeiros anos deste relançamento há sempre algumas dificuldades, mas estamos «acostumados» em que poderão atingir bons níveis de produção — assegurou Castigo João Chivite.

Em relação às outras províncias a cultura foi sempre praticada, mesmo depois da independência, só que nos últimos anos devido aos problemas de instabilidade ela deixou de o ser. A medida que vão surgindo oportunidades, as populações voltam a cultivar o algodão, desde que se consiga colocar a semente, de acordo com as palavras de Castigo João Chivite.

O PRE NO SECTOR ALGODOEIRO

O Programa de Reabilitação Económica no sector algodoeiro nacional está a ser positivo, de acordo com o Secretário de Estado do Algodão que explicou:

— As populações sentem-se cada vez mais estimuladas na produção do algodão. Se nós formos a analisar o período anterior ao PRE constatamos que as populações trabalhavam no fim da campanha quase que não conseguiam pagar as despesas ou o esforço dispendido nas suas áreas de cultivo.

Outro factor que motiva a prática da cultura do algodão é a existência, no mercado, de uma série de artigos que antes escasseavam e a população, mesmo tendo dinheiro, não tinha onde aplicá-lo.

MEDIDAS TOMADAS

O esforço foi feito, de facto. Como primeira tarefa nós tivemos que fazer, ao nível do sector camponês, o reagrupamento dos campos de cultivo, criando blocos de produção

mento ou de blocos e trabalho está mais facilitado, porque é possível a um técnico visitar um determinado bloco, com 70, 80 e até 600 camponeses, o que confere uma certa rentabilidade ao seu trabalho.

Segundo o Secretário de Estado do Algodão, hoje em dia cultivar algodão sem qualquer tratamento fitossanitário é o mesmo que nada, e a produção colectiva permite não só que o enquadrador esteja presente na altura da aplicação, mas que também outros técnicos de nível médio alto façam a prospeção de pragas.

— Por outro lado, conseguimos apetrechar as redes de enquadramento dos meios de transporte como bicicletas, motorizadas para os chefes de zona, «jeeps» para outros quadros superiores que fazem o terreno, isto tudo possibilita que haja uma movimentação mais eficaz e coerente para o tra-

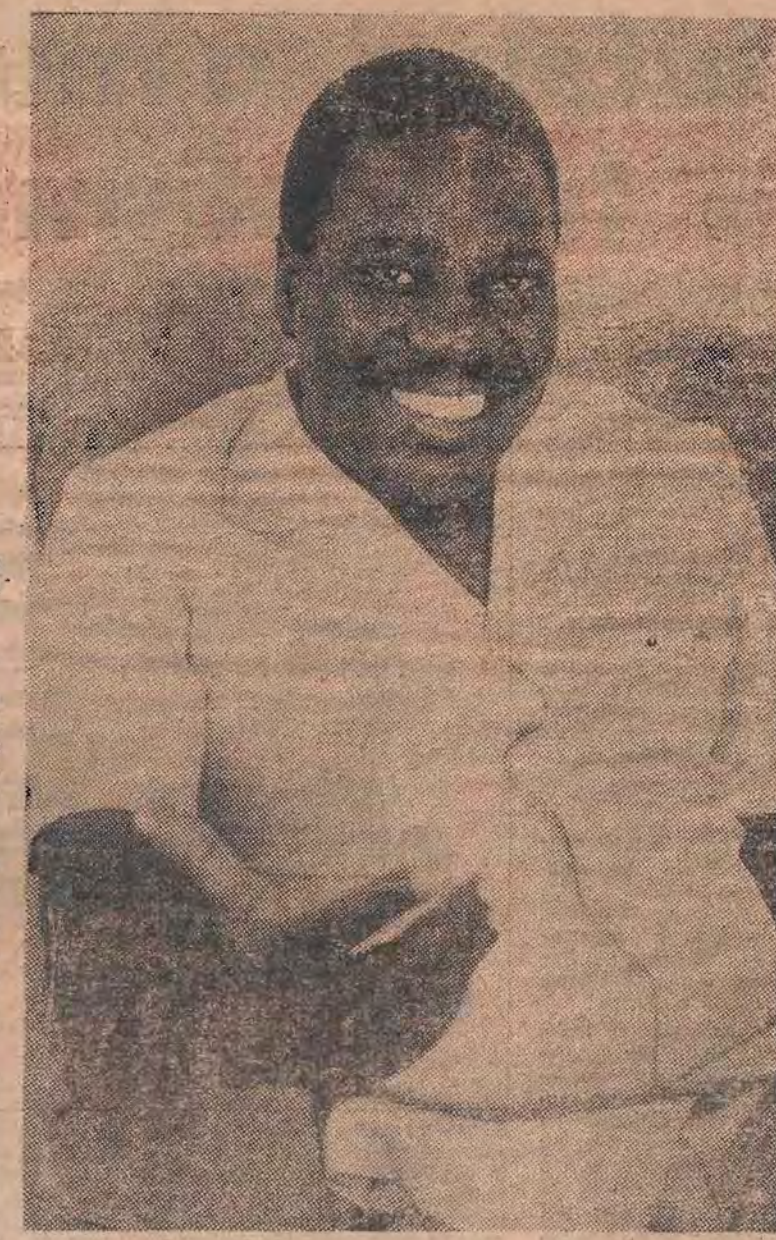
tamento e assistência aos camponeses.

A nível do sector empresarial está igualmente a ser feito algum esforço com vista ao redimensionamento das empresas, adequando as áreas de trabalho e a real capacidade de gestão existente neste momento.

PERSPECTIVAS

A terminar esta entrevista, o Secretário de Estado do Algodão referiu-se às perspectivas comuns das várias autoridades do sector, afirmando:

— Temos conhecimento de que as quedas pluviométricas têm sido minimamente boas em quase todas as províncias, onde já caíram as primeiras chuvas. Sabemos, igualmente, que algumas províncias já iniciaram as sementeiras e pensamos que, segundo as opiniões dos intervenientes, a campanha 88/89 deverá ser melhor, salvo se durante o período de Dezembro a Janeiro as chuvas deixarem de cair com regularidade. Normalmente isso não tem acontecido, exceptuando-se o ano transacto, que foi anormal.



Há boas perspectivas para a próxima campanha, acrescenta o responsável do algodão no nosso País

que permitam maior concentração de camponeses. Esta prática traz muitas vantagens para a assistência técnica, uma das quais a realização de tratamentos fitossanitários.

Agora o regime de agrupamento ou de blocos e trabalho está mais facilitado, porque é possível a um técnico visitar um determinado bloco, com 70, 80 e até 600 camponeses, o que confere uma certa rentabilidade ao seu trabalho.

Segundo o Secretário de Estado do Algodão, hoje em dia cultivar algodão sem qualquer tratamento fitossanitário é o mesmo que nada, e a produção colectiva permite não só que o enquadrador esteja presente na altura da aplicação, mas que também outros técnicos de nível médio alto façam a prospeção de pragas.

— Por outro lado, conseguimos apetrechar as redes de enquadramento dos meios de transporte como bicicletas, motorizadas para os chefes de zona, «jeeps» para outros quadros superiores que fazem o terreno, isto tudo possibilita que haja uma movimentação mais eficaz e coerente para o tra-

tamento e assistência aos camponeses.

A nível do sector empresarial está igualmente a ser feito algum esforço com vista ao redimensionamento das empresas, adequando as áreas de trabalho e a real capacidade de gestão existente neste momento.

Agora o regime de agrupamento ou de blocos e trabalho está mais facilitado, porque é possível a um técnico visitar um determinado bloco, com 70, 80 e até 600 camponeses, o que confere uma certa rentabilidade ao seu trabalho.

Segundo o Secretário de Estado do Algodão, hoje em dia cultivar algodão sem qualquer tratamento fitossanitário é o mesmo que nada, e a produção colectiva permite não só que o enquadrador esteja presente na altura da aplicação, mas que também outros técnicos de nível médio alto façam a prospeção de pragas.

— Por outro lado, conseguimos apetrechar as redes de enquadramento dos meios de transporte como bicicletas, motorizadas para os chefes de zona, «jeeps» para outros quadros superiores que fazem o terreno, isto tudo possibilita que haja uma movimentação mais eficaz e coerente para o tra-

tamento e assistência aos camponeses.

PERSPECTIVAS

A terminar esta entrevista, o Secretário de Estado do Algodão referiu-se às perspectivas comuns das várias autoridades do sector, afirmando:

— Temos conhecimento de que as quedas pluviométricas têm sido minimamente boas em quase todas as províncias, onde já caíram as primeiras chuvas. Sabemos, igualmente, que algumas províncias já iniciaram as sementeiras e pensamos que, segundo as opiniões dos intervenientes, a campanha 88/89 deverá ser melhor, salvo se durante o período de Dezembro a Janeiro as chuvas deixarem de cair com regularidade. Normalmente isso não tem acontecido, exceptuando-se o ano transacto, que foi anormal.